

Poda experimental de *Schinus terebinthifolius* Raddi (pimenta-rosa) em área de Cerrado

Annete Bonnet, Gustavo Ribas Curcio, Edberto Moura, Deborah Santos, Roberto Ogata

Foto: Annete Bonnet



2016

Poda experimental de *Schinus terebinthifolius* Raddi (pimenta-rosa) em área de Cerrado

*Annete Bonnet*¹, *Gustavo Ribas Curcio*², *Edberto Moura*³, *Deborah Santos*⁴, *Roberto Ogata*⁵

A pimenta-rosa (*Schinus terebinthifolius* Raddi) possui ampla distribuição no bioma Mata Atlântica, mas alcança áreas compreendidas para os biomas Cerrado e Pampa. Ainda que tenha tronco curto e tortuoso, a espécie possui bom desenvolvimento, sendo encontrada sobre ampla diversidade de solos, com variações de espessura, textura, fertilidade e regimes hídricos (hidromórficos a não-hidromórficos). Uma de suas principais aplicações na propriedade rural é para uso como cerca e lenha. Possui várias outras aplicações, como tempero de alimentos - os frutos da pimenta-rosa podem ser utilizados em substituição à pimenta-do-reino, mas com sabor mais suave para emprego em molhos de carnes brancas.

Pelo exposto, abrem-se novas possibilidades de mercado para a espécie, apesar de ainda não se ter o conhecimento exato em relação ao preparo de solo, adubação e tratos silviculturais (poda, em especial).

O experimento, com 200 indivíduos de pimenta-rosa, foi implantado em novembro de 2013, na fazenda Entre Rios, área experimental do projeto Biomas, Brasília, DF (Figura 1A). As plantas foram distribuídas em espaçamento 4 m x 4 m, sobre Cambissolo Háplico Distrófico gleissólico A moderado textura argilosa relevo plano.

¹ Bióloga, pesquisadora da Embrapa Florestas, Colombo, PR.

² Engenheiro-agrônomo, pesquisador da Embrapa Florestas, Colombo, PR.

³ Engenheiro-florestal, pós-graduação em Engenharia Florestal, Universidade Federal do Paraná, PR.

⁴ Gestora Ambiental, consultora projeto Biomas, Brasília, DF.

⁵ Cientista Natural, consultor projeto Biomas, Brasília, DF.

O objetivo da pesquisa foi avaliar o desenvolvimento das plantas, em especial, os períodos e intensidades de frutificação (peso de frutos por unidade de área).

Os indivíduos apresentaram crescimento expressivo neste período de acompanhamento, iniciando a frutificação com pouco mais de 12 meses após o plantio (Figura 1C).



Figura 1. Aspecto da pimenta-rosa no plantio (figura 1A), 6 meses após o plantio (figura 1B), um ano após o plantio (figura 1C) e dois anos após o plantio (figura 1D).

Durante o monitoramento do desenvolvimento, realizado antes da operação de poda, em julho de 2016, foi identificado crescimento expressivo das plantas (Figura 2A), com registro de altura média de 4,20 m (mínimo de 2,5m e máximo de 6m) e um diâmetro médio 14 cm (mínimo de 8,3 cm e máximo de 24,3 cm). Apesar do espaçamento, praticamente todos os indivíduos tinham suas copas entrelaçadas (Figura 2B), proporcionando um ambiente sombreado sob as mesmas (Figura 2C).



Figura 2. Aspecto das aroeiras com 20 meses após o plantio (A), com as copas se tocando (B) e sombreando o solo (C).

Para o período da leitura era esperado que as plantas monitoradas estivessem com frutos em vários estágios de amadurecimento. No entanto, esse fato que não foi observado devido à predação por várias espécies de aves, o que ratifica o potencial ecológico da aroeira.

Entre os dias 26 a 29 de julho de 2016, foram podadas 200 aroeiras em duas diferentes alturas a partir da superfície do solo: 60 cm e 120 cm.

A poda foi executada com motosserra (Figura 3A) e facões (Figura 3B), em um total de sete pessoas.



Figura 3. Operação de poda das aroeiras, com motosserra (A) e facão (B).

A poda de formação da copa teve como objetivo orientar a árvore, de modo a diminuir e ajustar a disposição dos ramos para que haja maior incidência de luminosidade na planta e, assim, estimular o crescimento e, sobretudo, a frutificação.

Decorrente das características inerentes da espécie, conjugadas a alta diversidade genética dos indivíduos, foi identificada grande variação no número, vigor e arranjo de ramos. Ainda assim, de acordo com as possibilidades oferecidas por cada planta, efetuou-se a poda para que as plantas apresentassem “forma de taça”, eliminando-se os ramos centrais (Figura 4). Por meio da técnica utilizada foi possível elaborar, para as duas alturas (60 e 120 cm), duas configurações distintas de copas: plantas com 3 a 4 ramos laterais importantes e plantas com 5 e 6 ramos laterais. Vale citar que, até o presente momento, não foram desenvolvidas técnicas de poda para a espécie, nem tão pouco, práticas ideais de preparo do solo e adubação.

Com este procedimento de poda, espera-se obter indicativos de manejo quanto à condução de copa e, assim, maiores produtividades de frutos.



Figura 4. Aspecto das aroeiras após a poda a 60 cm (A e B) e 1,20 m (C e D).

Para o início do período chuvoso, está prevista a prática de adubação para auxiliar o restabelecimento das plantas e o crescimento será acompanhado com o registro mensal.

Com futuras análises, as informações serão sistematizadas e repassadas aos produtores rurais, possibilitando a implantação de sistemas que considerem maiores ganhos do produtor, além de atender aspectos relacionados à preservação ambiental.

O Projeto Biomas é uma parceria entre Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e possui o apoio do BNDES, SEBRAE, Monsanto e John Deere.

Embrapa Florestas

Estrada da Ribeira, km 111, Guaraituba
83411-000, Colombo, PR, Brasil
Caixa Postal 319
Fone/Fax: (41) 3675-5600
www.embrapa.br/florestas
www.embrapa.br/fale-conosco/sac/

**CNA - Confederação da Agricultura e
Pecuária do Brasil**

SGAN Quadra 601, Módulo K -
70830-021, Brasília, DF, Brasil
Fone (61) 2109-1400
E-mail cnabrazil@cna.org.br
<http://www.cnabrazil.org.br/>